

José Sarney, o poeta, erra todas as contas

Em meio ao tumulto da reforma partidária, ocorreu aquele fenômeno que se costuma classificar de "reversão de expectativas". E o grande derrotado foi, sem qualquer dúvida, o então presidente da Arena, José Sarney. Responsável direto pela preservação da maioria governista no Congresso, o senador maranhense assegurara aos coordenadores políticos do Planalto (Petrônio Portella e general Golbery) que a nova Arena tornaria-se-lhe ainda mais poderosa do que a anterior.

Antes da extinção dos partidos, o Governo tinha 41 senadores (dos quais, 21 biônicos) contra 26 oposicionistas (incluindo o biônico Amiral Peixoto, que realmente merece tal denominação). Na Câmara Federal, os arenistas ocupavam 231 mandatos, contra 189 conquistados pelo MDB. Ou seja, o Governo detinha ampla maioria nas duas casas do Congresso. E, com a vigência da antidemocrática fidelidade partidária, sempre esteve assegurada a aprovação de todos os projetos apresentados pelo Executivo.

Agora, com a criação dos novos partidos, o Governo está sob ameaça de não fazer maioria na Câmara nem no Senado. Apesar de todas as pressões que vêm sendo exercidas pelo Planalto e pelos governadores, apesar dos conchavos, das promessas e das ameaças, os organizadores do Arenão (único partido que ainda não tem denominação definitiva, o que demonstra a insegurança com que está sendo formado) estão tendo a maior dificuldade para conseguir adesões que garantam maioria no

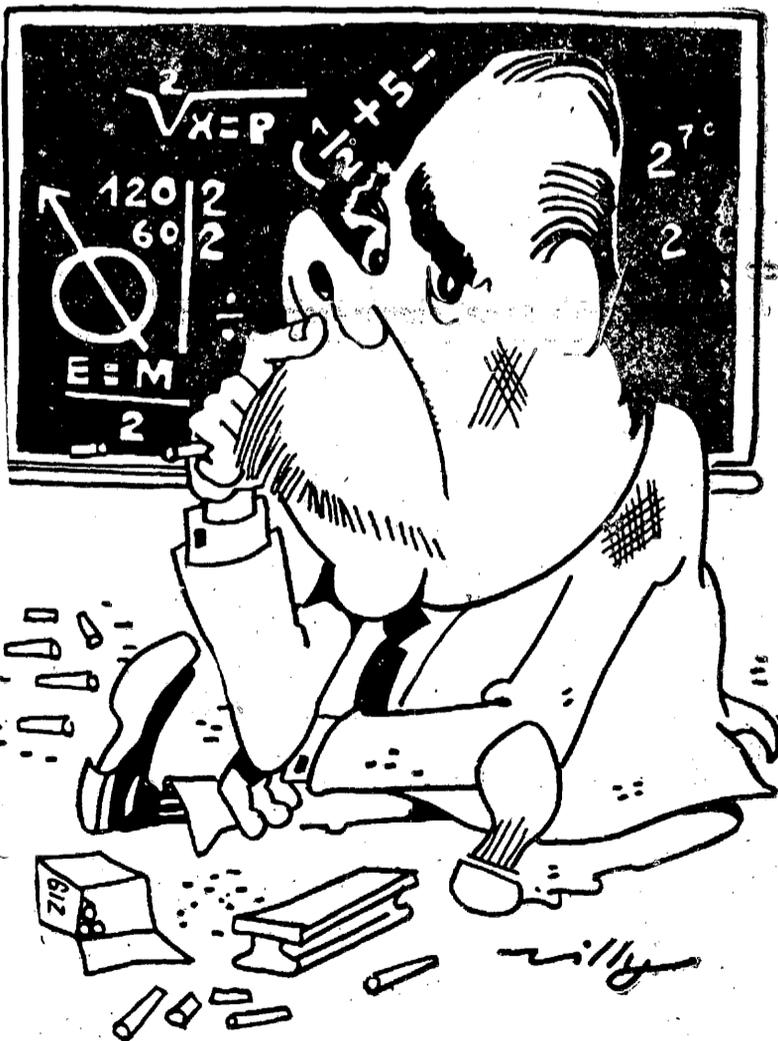
Senado e na Câmara. Até os biônicos preferiram debandar para o Partido Popular de Tancredo Neves e Magalhães Pinto.

Na época da votação da reforma partidária, José Sarney cansou de dar declarações à imprensa (sobretudo, à televisão), anunciando ter, por antecipação, a lista completa dos parlamentares que entrariam na nova Arena. Ao mesmo tempo, exibiu o projeto de reforma partidária como grande novidade. Mas, por ter sido o relator da Emenda Constitucional n.º 11, Sarney sabia perfeitamente que a proposição apresentada pelo Executivo não passava de uma cópia da própria Emenda, com alguns acréscimos para dificultar a criação de partidos populares.

Poeta bom de voto, excelente administrador e cortejado por quase todos os analistas políticos do país, José Sarney fracassou justamente num momento crucial para o Planalto. Seus cálculos otimistas foram desmentidos pelo pragmatismo dos políticos, que não esqueceram os resultados das eleições de 78, quando os candidatos da Oposição derrotaram os governistas por mais de 4 milhões de votos, no pleito para o Senado. O general Figueiredo, apaixonado pela Matemática, está furioso com Sarney, por ter errado as contas. E o senador maranhense vai acabar perdendo a presidência do Arenão, se não for alcançada a maioria governista nas duas casas do Congresso. Aliás, este é um cálculo simples, acessível a qualquer poeta.

CARLOS NEWTON

ONDE FOI QUE EU ERREI?



P.S. — Os comunistas estão em pânico, por ter sido divulgada a grave crise que divide a cúpula do PCB. Em vez de tentar resolver as divergências entre Prestes e o Comitê Central, eles estão mais preocupados em descobrir quem é o informante do jornalista. Querem até abrir um inquérito interno, para punir e afastar o responsável.

Convém repetir, então, que nosso informante é fruto das liberdades democráticas e atende pelo apelido de "Vazamento de Informações". Quando a imprensa é livre, não existem segredos. Todas as paredes têm ouvidos. E as orelhas do velho e desgastado edifício do PCB são maiores do que as do ministro César Cals.

C. N.

7 JAN 1980

TRIBUNA DA IMPRENSA